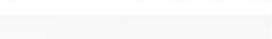


Com Selic a 10,5% ao ano, como ficam os investimentos em renda fixa e variável?

Banco Central manteve a Taxa Selic, na primeira pausa desde o ano passado. Veja como isso altera os principais investimentos de renda fixa

Por **Paulo Renato Nepomuceno** — Rio de Janeiro
19/06/2024 18h36 - Atualizado há 14 horas



Porquinho — Foto: Unsplash

RESUMO

Sem tempo? Ferramenta de IA resume para você

LEIA AQUI

O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central manteve a Taxa Selic em 10,50%, encerrando, até o momento, o ciclo de cortes que vinha realizando desde agosto do ano passado. Na última reunião, em maio, o comitê realizou um corte de apenas 0,25 ponto percentual, dividindo o colegiado.

Dois fatores fundamentais para que o ciclo de cortes seguisse acabou jogando um balde de água fria nas expectativas de que o afrouxamento seguisse: a resiliência da economia americana — que requer **juros mais altos, por mais tempo, para combater a inflação persistente** — e a indefinição sobre o **equilíbrio das contas públicas no Brasil**.

— A inflação, também impacta o custo de crédito no mercado e define como será o retorno de investimentos. Uma das aplicações diretamente ligadas à taxa básica é o Tesouro Selic, que tem sua rentabilidade atrelada ao patamar definido pelo Copom.

Com a manutenção dos juros hoje, os títulos públicos pós-fixados (cuja remuneração final depende da Selic ou do IPCA) como o Tesouro Selic e o Tesouro IPCA tendem a manter a rentabilidade, já que, segundo a mediana de expectativas do mercado, **a taxa tende a continuar nesse patamar até o fim do ano**. Os prefixados são aqueles títulos que já definem uma taxa fixa a ser paga ao investidor no vencimento.

- **À espera do Copom sob pressão de Lula: dólar fecha em R\$ 5,44 e renova a máxima desde o início do atual mandato**
- **Magda toma posse na Petrobras: ao lado de Lula, executiva diz que sua gestão é 'totalmente alinhada' com visão do presidente**

Só que a taxa de juros, um dos principais instrumentos para controlar a **inflação**, também impacta o custo de crédito no mercado e define como será o retorno de investimentos. Uma das aplicações diretamente ligadas à taxa básica é o Tesouro Selic, que tem sua rentabilidade atrelada ao patamar definido pelo Copom.

Com a manutenção dos juros hoje, os títulos públicos pós-fixados (cuja remuneração final depende da Selic ou do IPCA) como o Tesouro Selic e o Tesouro IPCA tendem a manter a rentabilidade, já que, segundo a mediana de expectativas do mercado, **a taxa tende a continuar nesse patamar até o fim do ano**. Os prefixados são aqueles títulos que já definem uma taxa fixa a ser paga ao investidor no vencimento.

- **Decisão: STF tem maioria para derrubar pontos da Reforma da Previdência que atingem servidores públicos**

Veja abaixo o que dizem analistas sobre como definir os investimentos à luz da nova decisão do Copom:

Com a manutenção da Selic, onde alocar os recursos?

Apesar de o ciclo de afrouxamento da Selic ter chegado ao fim — ou, pelo menos, ter dado uma pausa —, os analistas sinalizam que os investidores precisam ter atenção aos títulos pós-fixados. A atratividade, segundo eles, está no curto prazo:

— Conseguimos aproveitar os pós-fixados de curto prazo, já que a Selic deve ficar algum tempo ainda elevada. Mas deve-se ter atenção, porque prazos maiores “prendem” o investimento na carteira — diz Maria Fernanda Nepomuceno, analista de renda fixa da Nord Research.

MAIS SOBRE MERCADO FINANCEIRO >



Dólar bate R\$ 5,48, com tensão sobre como será a votação do Copom



Crítica de Lula ao BC ocorre na semana em que corte de juros deve ser interrompido. Entenda

O prazo, segundo ela, é importante para que haja possibilidade de realocação desse ativo numa futura redução da taxa, diz ela, se referindo aos papéis do Tesouro, CDBs e letras de crédito (LCIs, LCAs). Estes últimos, segundo os especialistas, tornam-se mais atraentes ainda, já que o retorno líquido pode ser superior às outras aplicações por conta da isenção de Imposto de Renda.

— Essa classe praticamente não possui volatilidade, diferentemente dos papéis prefixados e híbridos, e ainda apresenta uma boa taxa de retorno — diz Vinicius Romano, especialista de renda fixa da Suno Research.

Crédito privado

Para Alexandre Mathias, estrategista-chefe da **Monte Bravo**, os títulos de empresas privadas constituem uma excelente opção para o investidor, mas exigem curadoria. Isso porque a diversificação com esses ativos é um pouco mais arriscada. Portanto, as taxas devem ser relativamente maiores do que aquelas definidas pelo Tesouro.

Segundo Maria Fernanda, houve uma diminuição no número de empresas com bons *ratings* (isto é, níveis de avaliação de risco positivos) pagando taxas maiores, mas isso foi diminuindo neste ano, com empresas mais arriscadas pagando os maiores diferenciais.

— É importante que o investidor esteja bem ciente, sempre avaliando o quanto ele está disposto a se arriscar e quanto a remuneração está adequada para esse risco — diz Maria Fernanda.

MAIS SOBRE DÓLAR >



Dólar turismo já é negociado a R\$ 5,91 nas casas de câmbio em dia de Copom



Dólar renova máxima, e fecha em R\$ 5,43 após críticas de Lula ao BC. No ano, alta é de quase 12%

Segundo Romano, dependendo dos perfis e objetivos dos investidores, outras aplicações que não sejam os títulos podem ser também atraentes:

— Para aqueles investidores que não desejam realizar uma gestão mais ativa da carteira de renda fixa, vejo os fundos de investimento como uma alternativa interessante, desde que bem selecionados. Optar pelos ETFs também pode ser uma boa estratégia.

Prefixados

Os analistas de renda fixa ouvidos pela reportagem indicam que os ganhos com os títulos prefixados dependem e muito da relação entre a expectativa de mercado e a atuação do Banco Central.

Para Maria Fernanda, esse título possui mais volatilidade por conta do que o mercado precifica como risco. Pioras no cenário fiscal podem refletir em aumento da taxa, ou seja: o investidor posicionado nos títulos prefixados pode correr risco de ter uma variação negativa.

Apesar disso, Romano, da Suno, diz que o título pode ser um dos ‘ovos’ da cesta:

— Acredito que uma carteira diversificada entre os três indexadores da renda fixa (pós, pré e IPCA+) e outras classes de ativos seja interessante.

Para prazos mais longos, o destaque fica por conta dos títulos atrelados à inflação, como o IPCA+ , que também são uma boa alternativa, garantindo proteção à carteira graças às taxas que estão sendo negociados:

— Os juros reais estão em torno dos 6,30%, taxa que vemos em poucas janelas de oportunidades para ativos de renda fixa, além do título já remunerar a inflação, protegendo o investidor do índice — diz a analista da Nord.

Apesar de juro alto, renda variável também tem seus atrativos

Quem quer sair da poupança e entrar no mercado de títulos está no melhor momento, diz Arthur Pereira, especialista em renda variável da Ável Investimentos. Mas ele reitera que uma carteira de papéis e fundos com perfis mais conservadores também podem ter seus ganhos positivos, apesar da taxa de juros em patamar alto.

— A Bolsa está barata, se compararmos os últimos dez anos. Indicadores, como preço/lucro, indicam um potencial muito bom de compra. Muitos investidores tem se posicionando neste momento de queda, focando em papéis que paguem bons dividendos — diz ele, elencando ações do setor de energia, saneamento e do setor bancário com distribuição de proventos maior.

Geralmente, com a Selic neste nível, a bolsa não costuma registrar seus melhores momentos de performance, principalmente com o juro americano também pressionando pela fuga dos ativos estrangeiros daqui.

Dados divulgados pela B3 e compilados pelo Valor Econômico mostram que o fluxo negativo de investimentos estrangeiros em 2024 já ultrapassou os R\$ 43 bilhões até junho.

Para os ativos listados nos Estados Unidos, ele diz que o frenesi da inteligência artificial faz os papéis estarem bem precificados, prevendo que haja uma correção em algum momento:

— As empresas já valem o que ela tem de valor em si. Lá estão melhor precificadas, então imaginamos um pouco mais de correção do que novas altas. Com o juro lá sendo mantido nesse patamar por mais tempo, é possível que haja uma queda nos papéis americanos — afirma.

Em fundos, Pereira diz que os de ações devem seguir a volatilidade da bolsa, mas que os fundos imobiliários ‘de tijolo’, que investem em imóveis físicos para venda ou aluguel, podem ser boas oportunidades de entrada:

— Com o juro mais alto, eles tem queda no preço patrimonial. Então, com momento “ruim” do fundo, eles tem um potencial de entrada maior agora, porque não tem interferência no pagamentos de proventos — diz.

Esses tipos de fundo são obrigados a distribuir 95% do resultado líquido aos cotistas pelo menos duas vezes ao ano, mas geralmente pagam esses proventos mensalmente.